

Moleque Atrevido: Da Pescaria ao Processo Doutoral - História de Vida de um Professor Aprendiz

VIRGÍLIO BANDEIRA DO NASCIMENTO FILHO¹

Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e
Matemática | PPGECEM /UFMT| UFPA| UEA
Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática | REAMEC

*“Educadores, onde estão? Em covas terão escondido?
Professores há aos milhares. Mas o professor é profissão, não é
algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário,
não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande
amor, de uma grande esperança”.*

Rubem Alves (1986)

MEMORIAL

MOLEQUE ATREVIDO

Quem foi que falou que eu não sou um moleque atrevido
Ganhei minha fama de bamba, no samba de roda
Fico feliz em saber o que fiz pela música, faça o favor:
Respeite quem pode chegar onde a gente chegou
Também somos linha de frente de toda essa história
Nós somos do tempo do samba sem grana, sem glória
Não se discute talento, mas seu argumento, me faça o favor:
Respeite quem pode chegar onde a gente chegou.
E a gente chegou muito bem, sem a desmerecer a ninguém
Enfrentando no peito um certo preconceito e muito desdém.
Hoje em dia é fácil dizer que essa música é nossa raiz
tá chovendo de gente que fala de samba e não sabe o que diz.
Por isso vê lá onde pisa, respeite a camisa que a gente suou
Respeite quem pode chegar onde a gente chegou.
E quando pisar no terreiro, procure primeiro saber quem eu sou
Respeite quem pode chegar onde a gente chegou.”
(Jorge Aragão, 1999, Brasil)

¹ Memorial apresentado ao PPGECEM/REAMEC, pelo doutorando Virgílio Bandeira do Nascimento Filho, orientado por Dra. Elizabeth A.L.M. Martines junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática |PPGECEM /UFMT|UFPA|UEA, através da Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática |REAMEC

1 INTRODUÇÃO

A formação a nível doutoral me exigiu que escrevesse um Memorial que constasse nele detalhes da minha vida pessoal e profissional. Neste documento trago as nuances enquanto um sujeito aprendiz da vida, incluindo aí detalhes de como esses aprendizados impactaram na minha vida, como, discente e posteriormente como docente.

Tais nuances estão carregadas de detalhes que me arremetem às mais simples coisas que aprendi com os meus pais, que não tiveram a oportunidade de grandes estudos, até às minhas aventuras como um sujeito que sempre batalhou na vida para que sua realidade fosse transformada em algo que, eu na medida do possível, pudesse ajudar, ainda que de forma incipiente, as pessoas que sempre me rodearam. As pessoas as quais eu me refiro, são meus familiares, que teremos a oportunidade de conhecer no decorrer deste texto, pois oriundos de uma família humilde, nem todos tiveram a oportunidade de seguir uma vida acadêmica, onde pudessem alcançar os maiores níveis de escolaridade.

Trago aqui minhas memórias de uma pessoa que se considera um eterno aprendiz da vida e que sempre está disposto a ajudar aos que estão ao seu lado, ajuda esta que faço, sem olhar o amanhã, ou seja, sem nenhum interesse material, mas sim, um interesse de que com as minhas atitudes, possa transformar a vida de outras pessoas, sempre pensando no bem comum, isto é, sempre pensando no coletivo. Como uma pessoa persistente sempre estive e estou em busca de novos conhecimentos para poder compartilhá-los com os que comigo convivem, incluo neste ciclo, minha família, amigos e principalmente meus alunos, esses últimos que são parte importantíssima da minha motivação em ir em busca de novos saberes para poder compartilhá-los e me desenvolver como pessoa e profissionalmente.

Exponho aqui também minha vida enquanto docente e o quanto isso significa para mim enquanto um servidor que tenta, de todas as formas, contribuir para uma melhor educação para o meu município, do Estado e do meu país, partindo do local, porém sem perder a visão do global.

2 DESENVOLVIMENTO

Nasci no interior do estado do Pará, na cidade de Santarém, cidade hoje com aproximadamente 500 mil habitantes, realidade muito diversa da de que quando nasci. Meus pais, descendentes de portugueses e cearenses, são exemplos da miscigenação ocorrida em virtude da colonização do nosso país. Neste memorial faço uma narrativa das etapas de minha formação como pessoa e profissional, pois de acordo com Souza (2006, p. 14), *“a escrita da narrativa remete o sujeito a uma dimensão de auto-escuta, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e as aprendizagens que construiu ao longo da vida, através do conhecimento de si”*. É nessa perspectiva que descrevo minha trajetória fazendo uma análise de como as políticas e as ações educativas da escola influenciam a forma de ver e agir em sociedade e despertaram em mim a vontade de entender e preencher lacunas que o currículo oficial permite que se construam em contextos escolares.

Na seção 1, descrevo fatos sociofamiliares que influenciaram minha formação inicial para em seguida, na segunda seção, falar do início da docência a partir de uma experiência pedagógica no âmbito empresarial e de minha inserção como pedagogo na educação pública. Na terceira seção descrevo e analiso meu percurso formativo do lato ao stricto sensu, falo de minhas inquietações, aprendizagens e trabalhos desenvolvidos relacionados a questões da educação e da formação de professores e na última seção trago algumas considerações não conclusivas a partir da minha vivência como discente e posteriormente como docente.

2. 1 ASPECTOS SOCIOFAMILIARES QUE INFLUENCIARAM MINHA FORMAÇÃO INICIAL

Minha família, como muitas do interior do estado do Pará, é bastante numerosa. Possuo quatorze irmãos. Desde cedo, devido à necessidade, aprendi a trabalhar, a pescar, para ajudar no sustento da família. Meu pai desempenhou funções diversas com o objetivo de prover, da melhor forma possível nossa casa; minha mãe era dona de casa e mal tinha tempo de cuidar dos quatorze filhos, por isso, os mais velhos tinham a obrigação de cuidar dos mais novos. Na busca por sustento, muitos foram os encontros que eu, desde a infância, tive com pessoas e culturas diferentes.



Minha Família

Fonte: Arquivo Pessoal

Ao sair para pescar², me inseria numa vivência ribeirinha, interagia e aprendia com as pessoas desse contexto cultural. Assim convivi com várias dificuldades, mas descobri que na busca de soluções as pessoas desenvolvem estratégias, constroem conhecimentos e processos educativos particulares com valores e significados próprios. (COSTA, 2015). Isso me faz entender que “aprender é uma experiência pessoal, mas ela ocorre em contextos sociais repletos de relações interpessoais” (ALRO e SKOVSMOSE, 2006, p. 12), pois experiei e adquiri aprendizagens pela vivência e convivência em grupo. Mesmo com toda dificuldade financeira eu e meus 14 irmãos frequentamos a escola, mas apenas dois conseguiram concluir uma faculdade. Eu, sou o único que consegui dar continuidade após a graduação em Pedagogia conseguindo chegar até o *Stricto Sensu*, no momento dessa escrita, encontro-me no processo de doutoramento.

A educação formal que recebi do 1º ao 2º grau, atualmente educação básica que compreende o ensino fundamental e médio, foi uma educação silenciosa no sentido em que não permitia o diálogo na sala de aula entre professor e alunos e nem entre alunos e alunos. Era uma educação da reprodução e da simples memorização de nomes, datas e fórmulas, uma educação que não estimulava a criatividade,

² A pesca servia como alimento para a família. Por muitas vezes eu e meus irmãos saíamos as ruas com as cambadas de peixe para vender uma parte do que pescávamos para ajudar no escasso orçamento da família.

uma educação fundada numa tendência pedagógica tradicional, aquela cujo objetivo é “preparar de forma neutra os estudantes em suas dimensões intelectuais e moral para a sociedade” (BORGES; GHEDIN, 2010, p. 38). Era uma educação que não considerava os alunos como sujeitos da aprendizagem, capazes de compreender, intervir e modificar a sociedade em que vivem.

Toda a minha vida escolar se desenvolveu em instituições públicas. Estudei em duas escolas somente, tanto no primeiro, Escola Pedro Alvares Cabral, quanto no segundo grau, Escola Estadual Felisbelo Jaguar Sussuarana. A educação básica era, como se dizia na época, “muito fraca” e evidenciava que as “desigualdades regionais e intrarregionais que se verificam nas estruturas básicas da vida material também se expressam na diferenciação do acesso e permanência na escola, aos aparelhos de cultura e lazer e aos meios de informação [...]” (CARRANO, 2011, p. 196).

Como cito acima, como consequência das condições financeiras da família, nós irmãos tínhamos que estudar em turnos diferentes, pois o uniforme usado por um irmão que estudava no turno da manhã, era o mesmo usado por outro da família no turno da tarde. Essa condição se estendia para as roupas usadas no nosso dia a dia, pois como tínhamos portes físicos parecidos, as roupas compradas pelos nossos pais e os irmãos mais velhos, eram de uso coletivo, não tínhamos o privilégio de dizer que “essa roupa é minha”, pois a condição financeira da família não permitia tal regalia. Vale ressaltar que nunca tivemos problemas com essa situação, pois aprendemos desde cedo o conceito de partilha ensinado na prática pelos nossos pais. Enfatizo aqui o que foi externado na introdução deste texto, onde o compartilhamento foi aflorado em mim desde a minha infância por circunstâncias impostas pela vida.

Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas, meus pais sempre primaram para que os filhos tivessem acesso à educação, pois eles tinham a plena convicção, de que através da educação, poderíamos mudar a situação na qual a família sempre esteve. Diziam eles que através da educação, poderíamos ser independentes e poder “dar uma vida melhor para nossos filhos”, diferente da que eles nos proporcionavam e, creditavam a isso, pelo fato de eles não terem tido escolarização, por isso não tinham condições de nos oferecer uma “vida melhor”, expressão usadas por eles com frequência e que ressoa nos meus ouvidos constantemente, principalmente quando em sala de

aula, me deparo com situações de alguns alunos que se assemelham com a minha e antevejo que através da educação, eles podem mudar a sua realidade, assim como ocorreu comigo.

Várias foram minhas tentativas de superar as diversas dificuldades enfrentadas. Desde cedo procurei alternativas para superá-las, uma delas foi a de adentrar em um curso técnico (mecânica geral) no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), pois ali via que teria uma oportunidade de entrar mais rapidamente no mercado de trabalho, podendo assim ajudar no sustento de nossa família. Porém quando do término do curso, e continuando estudando de forma regular, um colega de classe que trabalhava no grupo Bradesco, me convidou para disputar um torneio de futebol pela equipe da agência que ele trabalhava. Aceitei o convite e me destaquei durante as partidas do torneio, culminando com a conquista do título pelo nosso time, conquista esta que me rendeu um convite para fazer uma entrevista para um futuro ingresso no banco. Três dias após a entrevista, fui comunicado que tinha sido aprovado no processo, ingressando assim na carreira bancária. Esta fase que trabalhei como bancário, perdurou por dois anos e meio, iniciei como a função de escriturário, na carteira de cobrança, e posteriormente cheguei a galgar o cargo de supervisor de caixa, função esta que requeria um tempo de permanência maior na agência, e isso acarretou em um contraste em relação as minhas atividades escolares, ou seja, tive que optar em continuar trabalhando no banco ou a dar continuidade aos meus estudos.

Optei por me desligar das minhas atividades bancárias e consegui um emprego em uma distribuidora que trabalhava com produtos diversificados como “bola, água mineral, biscoitos, papel ofício, brinquedos em geral”, ou seja, uma variedade de produtos que era vendido no varejo. Deixei um emprego onde podemos dizer “mais leve” para desenvolver uma atividade em que eu era que tinha que carregar o veículo, uma Kombi, com os produtos que iria oferecer nas mercearias da periferia da cidade de Santarém, onde eu era o vendedor e o entregador, isto é, do abastecimento do veículo com os produtos até a emissão da nota fiscal e a entrega dos produtos, eram tarefas feitas por mim.

Essa atividade apesar de ser um pouco mais desgastante que a bancária, me dava a oportunidade de continuar meus estudos. Desenvolvendo esta atividade consegui terminar meu ensino médio, o

que me deu a oportunidade de concorrer a um edital para prestar um vestibular que me dava o direito de ingressar no nível superior, condição esta que eu perseguia, pois sempre acreditei, como já frisado anteriormente, que a educação me daria a oportunidade de ter uma vida melhor.

Por assim ser, a primeira tentativa de cursar uma graduação só foi possível em uma instituição privada, pois não consegui aprovação no vestibular em uma universidade pública. Na época em Santarém, só tínhamos uma universidade pública, devido a isso, a concorrência para adentrar na universidade era muito grande, bastante acirrada, ou seja, quem tinha a oportunidade de receber uma boa base educacional, no ensino fundamental e médio, tinha maiores chances de ingressar em uma instituição pública, não muito diferente de atualmente. Devido minha condição financeira, isto é, sem condições de pagar para fazer um curso superior em uma instituição privada, percebi que era necessário um esforço ainda maior para poder concluir um curso de nível superior, sendo assim, me esforcei ainda mais e consegui, no ano de 1992, na segunda tentativa, ser aprovado no vestibular da Universidade Federal do Pará (UFPA), campus de Santarém, hoje Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), onde pude concluir o curso de Licenciatura em Pedagogia no ano de 1998, realizando assim um antigo sonho de meus pais, que pela segunda vez, viam um filho chegar a concluir um curso de nível superior, que até então, só meu irmão mais velho havia conseguido, os demais irmãos chegaram a concluir somente o ensino médio.

3 O INÍCIO DA DOCÊNCIA

Não tive experiência de trabalhar na educação infantil, e anos iniciais que é a principal área de atuação do Pedagogo. O único contato com esse nível de escolarização, se deu na época do estágio supervisionado, quando percebi que não tinha habilidade de trabalhar com as crianças dessa faixa etária. Entendi nesse intervalo, que para eu conseguir desenvolver atividades pertinentes a de um professor, teria que galgar outros conhecimentos, que me permitissem trabalhar como docente dentro da área da Pedagogia em um outro nível de escolarização, colocando em prática o aprendido durante a minha graduação.

Durante a graduação, na época desempregado, no ano de 1994, surgiu a oportunidade de prestar um concurso público para a Polícia

Militar do Estado do Pará. Ingressei nas fileiras militares, fazendo parte da primeira turma de Sargentos Combatentes de Santarém, no 3º Batalhão Tapajós (3º BPM). Como já era aluno do curso de Licenciatura em Pedagogia, na oportunidade, fiz parte do desenvolvimento de um projeto para a alfabetização de Jovens e Adultos (EJA), para as pessoas dos bairros adjacentes ao quartel ao qual eu servia. Esta experiência me foi ímpar, pois despertou em mim o gosto pela docência. As atividades desenvolvidas no projeto me permitiram colocar em prática, as teorias que estava aprendendo na graduação, essa união de teoria e prática, me foi bastante útil no início da minha caminhada enquanto docente e hoje, vejo que as reformas curriculares propostas para as licenciaturas enfatizam a necessidade de superação da dicotomia teoria-prática que impera na maioria dos cursos de formação de professores, há décadas.

As experiências vividas durante todo o processo de formação como discentes, acabam influenciado o fazer pedagógico do professor em formação. Relacionado a isso, Tardif (2014, p. 20) diz que:

[...] antes mesmos de ensinarem, os futuros professores vivem nas salas de aulas e nas escolas – e, portanto, em seu futuro local de trabalho – durante aproximadamente 16 anos (ou seja, em torno de 15.000 horas). Ora, tal imersão é necessariamente formadora, pois leva os futuros professores a adquirirem crenças, representações e certezas sobre a prática do ofício do professor, bem como sobre o que é ser aluno. Em suma, antes mesmo de começarem a ensinar oficialmente, os professores já sabem, de muitas maneiras, o que é o ensino por causa de toda a sua história escolar anterior.

Tais experiências são amalgamadas de sentimentos e valores que acompanham o desenrolar das atividades por um longo período, influenciando assim a prática diária dos professores.

Após a conclusão do curso de Pedagogia, no ano de 1998, participei de um processo seletivo para ingressar em uma empresa privada, que atuava no ramo de telefonia (Amazônia Celular) para trabalhar como Pedagogo na área de Recursos Humanos, processo esse que me fez pedir o desligamento das fileiras militares. Na área da Amazônia Legal, desenvolvi várias atividades nos Estados do Pará, Amapá, Roraima, Amazonas e Maranhão, juntamente com uma equipe multidisciplinar composta por Psicólogo, Assistente Social, Administrador, Marketing, dentre outras formações. Tendo sido aprovado, nesse contexto, passei oito anos desenvolvendo atividades

como planejamento, levantamento de necessidade de treinamento (LNT), que corresponde ao trabalho de diagnóstico dos alunos realizado pelo Pedagogo na escola, construção e desenvolvimento de treinamentos empresarial, e ministrando os treinamentos propriamente dito, lançando mão do processo andragógico que era pertinente à clientela dos cursos. Nesse intervalo de tempo, ministrei treinamento, para mais de mil pessoas em vários temas como: Qualidade no atendimento ao cliente, Técnicas de Vendas, treinamentos motivacionais, Formação de Operadores de Call Center, Técnicas de Exercício ao Ar Livre, dentre outras atividades pertinentes as necessidades formativas dos colaboradores da empresa, todas essas atividades, eram materializadas no modelo andragógico.



Equipe Multidisciplinar (Amazônia Celular)

Fonte: Arquivo Pessoal

A abordagem pedagógica no processo andragógico é bem diferenciada daquilo que recebi na época da minha formação, destarte a isso, Oliveira (1999, p. 31-33) sintetiza as premissas para se trabalhar com um público com uma faixa etária diferente onde se efetiva o modelo pedagógico. Entende-se no processo andragógico que existem:

- 1 Necessidade de conhecer;
- 2 Autoconceito de aprendiz;
- 3 O papel da experiência – central na aprendizagem de adultos;
- 4 Prontidão para aprender – disponibilidade do adulto para aprender o que se decidiu a aprender, baseado numa seleção natural e realista;
- 5 Orientação para a aprendizagem – significado prático da aprendizagem, diferente de uma mera retenção de conhecimentos.
- 6

Motivação – baseada na própria vontade de crescimento do adulto (motivação interna) e não em estímulos externos.

As experiências desenvolvidas nessa etapa da minha vida me ajudaram a não sentir tantas dificuldades quando ingressei na educação universitária, pois o perfil do público, tanto na empresa quanto na universidade, é bastante parecido quando tomamos como referência as premissas do modelo andragógico.

Passados alguns anos desenvolvendo atividades no âmbito empresarial, em 2007 surgiu a oportunidade de participar de um processo seletivo simplificado (PSS) na Universidade do Estado do Amazonas para ingressar na carreira do magistério superior, como professor contratado. Neste íterim, a universidade ainda não tinha disponibilizado nenhum edital para concurso para professores efetivos. Na oportunidade, fui aprovado para assumir uma vaga para ingressar no colegiado do Curso de Pedagogia na cidade de Tabatinga-AM.

Devido a provação no PSS, tive que reestruturar toda a minha vida, pois, na época, eu residia na capital do estado do Pará, onde tinha toda uma estrutura montada no momento. Tive que abandonar muitas coisas, mas a principal e umas das mais importantes, foram as amizades que construir nesse intervalo. Amizades adquiridas tanto no meio profissional quanto no pessoal, ou seja, tive que reconstruir tudo novamente, pois chegava em um universo totalmente diferente ao qual estava inserido anteriormente.

A cidade de Tabatinga está localizada no extremo oeste do estado do Amazonas, no alto Solimões, na tríplice fronteira do Brasil com a Colômbia e Peru. Tabatinga dista da capital Manaus cerca de 1.106 quilômetros de distância em linha reta, mas o acesso é só por água ou ar. O tempo de voo de capital Manaus para Tabatinga, em uma aeronave de grande porte e potência, dura na média 01:40m, já pela via fluvial, usando uma embarcação do tipo “navio” a viagem demora em média de sete dias. Nessa cidade, trabalhei de 2007 a 2010, no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga – CSTB/UEA, como professor no Curso de Pedagogia. Durante esses anos, ministrei várias disciplinas como: Sociologia da Educação, Didática, Estrutura e Funcionamento do Ensino Básico, Currículo, entre outras. Justifica-se o número de disciplinas ministradas, devido a modalidade dos cursos oferecidos ser de licenciatura, daí que, os professores do Colegiado de

Pedagogia, transitam em outros cursos, como Geografia, Letras, Química, Física, Biologia, Matemática, História, cursos oferecidos na época pelo CSTB, ministrando as disciplinas pedagógicas. Essas especificidades nos fazem crescer tanto profissional, quanto pessoal, pois podemos conviver com realidades distintas.

Na oportunidade exerci a função de Coordenador do Colegiado do Curso de Pedagogia. Essa experiência me permitiu aprender a lidar com várias situações pedagógicas e relacionais. Pude observar e intervir em situações envolvendo pares, que apesar de terem a mesma função, alguns as exerciam como se fossem melhores que os outros. Essas situações, que as considero, como “briga de egos”, é um dos fatores que influenciam negativamente nas atividades dos docentes, impedindo que os pares dialoguem para alcançar um objetivo comum que é o aprendizado do alunado.

O que se observa é a inexistência de uma ação colaborativa, ou seja, inexistente, muitas das vezes, a interação e a colaboração entre os pares, isto é, cada um trabalha de um jeito, como se fosse o jeito dele, a melhor maneira de se trabalhar, e esse isolamento faz com que as ações dos colegiados não satisfaçam os anseios dos educandos, não existindo assim uma ação reflexiva conjunta dos docentes.

Na contramão disso Cassão e Chaluh (2018, p.203) evidenciam que

“[...] quando se trabalha coletivamente, se assume uma postura de um profissional que deseja o melhor para o grupo ao qual pertence, ainda que muitas vezes seja necessário abrir mão de desejos individuais. Esses são princípios básicos da constituição de um trabalho verdadeiramente coletivo.

Ações de alteridade nas relações docentes produzem um efeito maléfico, perdendo-se de vista a necessidade do diálogo entre os pares. Destarte a isso Cassão e Chaluh (2018, p.195) dizem que “[...] pensar na alteridade implica pensar que o ser humano se constitui na relação com o outro, sendo o diálogo uma dimensão central para pensar essa constituição”. Essa falta de diálogo entre os pares acarreta, segundo Cassão e Chaluh (2018, p. 205) “**numa solidão do trabalho docente**”. Para que essa solidão docente não aconteça, Ibiapina (2010) diz que é preciso pensar no coletivo em detrimento do individual “[...] para que a prática do coletivo aconteça, é necessário estar aberto ao outro, participar de espaços que oportunizem a reflexão entre os pares

em clima de colaboração, já que isto possibilita um aprendizado mútuo”, acarretando em uma prática onde todos os sujeitos envolvidos se sintam parte da construção daquilo que está sendo construído.

Essas não ações reflexivas conjuntas, nos remete aos históricos conflitos existentes entre os professores dos cursos das áreas de Ciência X Pedagogos, onde se vê uma resistência/competição contra o trabalho do pedagogo. De acordo com Rodrigues (1984, p. 86):

[...] “essa competição afeta profundamente e, às vezes, irremediavelmente a prática pedagógica. Ela se revela não apenas no âmbito da sala de aula, mas também na verdadeira guerra que os professores e os vários especialistas travam no interior da escola para demarcação de suas áreas de poder”.

Essa resistência/competição encontra-se mais forte entre os professores de Ciências do que dos professores de Pedagogia. Os primeiros, por muitas das vezes rejeitam qualquer intervenção do pedagogo em sua prática docente, pois muitos deles, formaram-se em Cursos de bacharelado, logo tiveram uma formação deficiente no que se refere a Didática e fundamentos da educação, diferentemente de quem cursou uma licenciatura, que em sua matriz curricular, existem as disciplinas específicas como as didático-pedagógicas, onde se efetiva, não só o que ensinar, mas também, porque ensinar, para que ensinar e como ensinar. Os professores formados em bacharelado, parecem não considerar o processo de ensino e aprendizagem como multidimensional, dificultando o trabalho em equipe, tão necessário no âmbito acadêmico.

Pimenta (1995 p. 61) assevera que a essência da atividade prática do professor é:

[...] o ensino-aprendizagem. Ou seja, é o conhecimento técnico prático de como garantir que a aprendizagem se realize em consequência da atividade de ensinar. Envolve, portanto, o conhecimento do objetivo, o estabelecimento de finalidades e a intervenção no objeto para que a realidade seja transformada enquanto realidade social [...].”

Essas especificidades em relação ao ensino aprendizagem não são trabalhados nos cursos de bacharelados, como referido acima, que são, na maioria, as formações dos professores dos cursos de Ciências, daí a resistência, por partes destes de compreender as ações do Pedagogo dentro processo educacional gerando atitudes de menosprezo,

arrogância e trabalho solitário, sem cooperação dentro de um quadro docente multidisciplinar.

Em 2008, ainda na cidade de Tabatinga, cursei uma especialização em Didática do Ensino Superior, formação esta que contribuiu para a melhoria da minha prática docente e me deu subsídios na preparação para o concurso público que participei e alcancei aprovação, como professor efetivo na Universidade do Estado do Amazonas–UEA no ano de 2011. Com a aprovação, fui lotado no Centro de Estudos Superiores de Tefé – CEST/UEA localizado no Médio Solimões.



Especialização em Didática do Ensino Superior (Tabatinga-AM)

Fonte: Arquivo Pessoal

Ainda na condição de professor contratado participei como docente de um projeto Piloto desenvolvido pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) que visava formar, na modalidade da educação superior a nível de licenciatura, professores indígenas na região do Alto Solimões, atendendo a inquietações indígenas provenientes de uma história de lutas no sentido de autodeterminação através de uma educação superior que valorizasse suas práticas culturais, sendo diferenciada e de qualidade. Eu enquanto docente daquela instituição no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga – (UEA), vivenciei esse momento histórico, como professor formador atuando no Centro de Formação de Professores Ticunas - Torü Nguépataü, quem em português significa, "Nossa Casa de Estudos", na comunidade indígena de Filadélfia, no município de Benjamin Constant-AM. Fazendo parte desta experiência, optei por desenvolver uma pesquisa sobre ela, registrando os conhecimentos construídos pelo grupo de professores formadores que atuavam no referido projeto.

O aludido Curso ocorreu no período de 2006 a 2011 formando duzentos e quatro (204) índios em sete (07) habilitações a saber:

I – Habilitação em Língua Indígena Ticuna, Língua Portuguesa e Literatura, e espanhol [...]; II – Habilitação em Língua Indígena Kokama, Língua Portuguesa e Literatura, e Espanhol, [...]; III – Habilitação em Artes e Educação Física [...]; IV – Habilitação em Biologia e Química, [...]; V – Habilitação em Física e Matemática, [...]; VI – Habilitação em Geografia e História [...]; VII – Habilitação em Antropologia, Filosofia e Sociologia [...]. (NASCIMENTO FILHO, 2014 p. 68).

Por ser um projeto diferenciado dos demais até então desenvolvido, a universidade teve o cuidado de construir um currículo intercultural e bilíngue para que pudesse atender às expectativas dos discentes indígenas participantes do projeto. Diante disto desenvolvi a minha pesquisa de mestrado que culminou na dissertação intitulada: *“o papel do professor na formação docente indígena: uma reflexão a partir das impressões dos professores formadores que atuaram no curso de licenciatura para professores indígenas do alto Solimões”*.

Essa rica experiência reforçou em mim a importância de o professor, quando do seu planejamento, ficar atento para as especificidades culturais da clientela que irá atender, caso contrário, pode se deparar com situações adversas, acarretando assim a não concretização do processo de ensino e aprendizagem desejado por ele. Em vários momentos tive que replanejar as atividades, devido as situações existentes dentro do processo de ensino aprendizagem. Tive que me adaptar a um certo ponto em que, inúmeras vezes, precisei recorrer aos próprios discentes, os que tinham mais conhecimento da língua portuguesa, para entender o porquê dos demais indígenas não estarem entendendo o conteúdo que estava sendo trabalhado. Essa dificuldade dava-se por vários motivos a saber: alguns indígenas não entendiam a nossa língua, uma acentuada timidez, dentre outros detalhes, ou seja, tudo isso fazia com que, quase todos os dias, tinha que me replanejar para as situações que emergiam neste processo. Neste sentido é de suma importância que o professor tenha a capacidade de planejar, executar e re-planejar atividades em diferentes contextos educacionais.

4 O STRICTO SENSU

No período de 2012 a 2014, já trabalhando no Centro de Estudos Superiores de Tefé – CEST/UEA e sentindo necessidade de aperfeiçoamento profissional participei de uma seleção para um Mestrado Profissional da Faculdades EST (Escola Superior de Teologia), sendo aprovado na linha de pesquisa Educação Comunitária com Infância e Juventude. O Curso de Mestrado Profissional da Faculdades EST foi autorizado pela Comissão Técnica Consultiva (CTC) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em 2002, apresentando o mesmo nível de exigência e padrão de qualidade que o mestrado acadêmico da Faculdades EST. As disciplinas do programa do mestrado profissional acontecem em São Leopoldo no Rio Grande do Sul sendo de forma presencial, na modalidade modular. As disciplinas são ministradas nos meses de janeiro e julho respectivamente. As orientações ocorrem de forma presencial e à distância, presencial quando da realização das disciplinas e à distância, nos intervalos de um módulo para o outro.

Nessa etapa da minha formação, na cidade de São Leopoldo-RS, mais uma vez experienciei os encontros multiculturais, pois vindo da Amazônia convivi com indivíduos das cinco regiões do Brasil os quais traziam consigo saberes, valores culturais diferentes que se conviviam pacificamente. Esses encontros me possibilitaram transitar por culturas distintas, diferentes saberes enriquecendo e ampliando minha formação pessoal e docente a qual se reflete ainda hoje na minha práxis pedagógica.



Turma do Mestrado (São Leopoldo-RS)

Fonte: Arquivo Pessoal

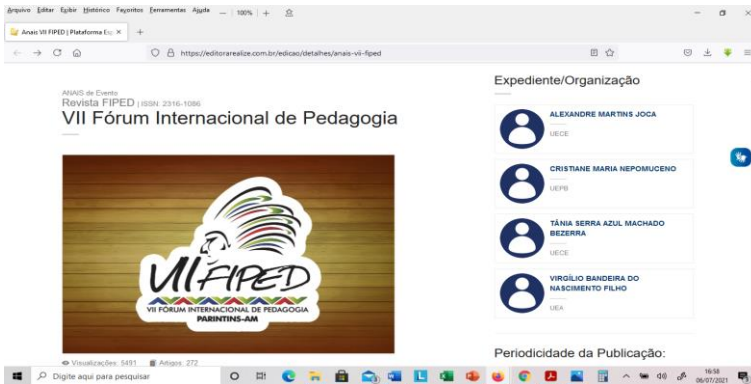
Para a elaboração da dissertação do mestrado, realizei uma pesquisa com o objetivo de compreender o papel do professor formador na formação do professor indígena, como citado acima. Para tanto, foi necessário um movimento de reflexão sobre minha própria prática, pois, eu mesmo, fui professor da licenciatura que serviu de *locus* da pesquisa. Nesse sentido, a experiência construída no percurso do mestrado, não me transformou em outra pessoa, mas contribuiu para a ampliação de minhas percepções sobre a influência e a importância dos sentidos e significados que cada um constrói no contexto escolar, de modo individual ou coletivo, dada às proposições de um currículo e às ações docentes.

Ao concluir o mestrado, solicitei minha remoção para o Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP/UEA, região do Baixo Amazonas. No CESP trabalho no colegiado do Curso de Pedagogia ministrando as disciplinas de Didática, Estágio Supervisionado e Pesquisa e Prática Pedagógica I, II e III e outras disciplinas pedagógicas nos demais cursos da instituição. Na disciplina de Estágio, direciono as atividades práticas, tanto para as escolas urbanas como para as escolas ribeirinhas do município, para que os estagiários tenham a oportunidade de conhecer a realidade na qual irão desenvolver suas atividades quando docentes. Pois, penso a educação como uma “estratégia desenvolvida pelas sociedades para possibilitar a cada indivíduo atingir seu potencial criativo e estimular e facilitar a ação comum, com vistas a viver em sociedade, exercitando a cidadania plena”, concordando com D’ambrosio (2012, p. 55).

No ano de 2015 coordenei o VII Fórum Internacional de Pedagogia (FIPED)³ tendo como temática “A Pesquisa na Graduação: Dialogicidade, Autonomia e Formação de Professores”. Na oportunidade, foram realizadas conferências, palestras, sessão debate, oficinas e apresentação de trabalhos técnico-científico na modalidade comunicação oral. No total, 25 áreas temáticas da educação abrangidas durante as atividades do evento. Através das atividades ocorridas no evento e os trabalhos apresentados, permitiu-me ampliar o leque de opções em relação as temáticas referentes a formação de professores.

³ Link dos anais do evento: <https://editorarealize.com.br/edicao/detalhes/anais-vii-fiped>

Virgílio Bandeira do Nascimento Filho– Moleque Atrevido: Da Pescaria ao Processo Doutoral - História de Vida de um Professor Aprendiz



Página dos Anais do VII FIPED

Fonte: Anais do FIPED

Sempre com o intuito de buscar novos conhecimentos para que eu, enquanto docente, possa contribuir coletivamente, no ano de 2018, inscrevi-me e fui aprovado no Programa de Doutorado em Educação em Ciências e Matemática da – REAMEC, com ingresso em 2019. Tal etapa está trazendo um amadurecimento tanto pessoal quanto intelectual, permitindo assim compartilhar ainda mais com meus alunos os novos conhecimentos adquiridos no processo de doutoramento.

O PPGCEM-REAMEC, no seu edital, reza quem em uma das suas fases de seleção, os candidatos devem apresentar obrigatoriamente um projeto de tese. Atendendo a este requisito apresentei o projeto com o tema “*O currículo praticado na escola e o vivenciado na formação de professores que ensinam matemática nos anos iniciais da escolarização: um estudo na cidade Parintins-AM*”, cumprindo uma das fases obrigatória para ingressar no programa.

Durante o processo de doutoramento, mais especificamente na apresentação da disciplina Seminário de Pesquisa II, da turma que ingressou no ano de 2017, juntamente com minha orientadora, assistimos as apresentações dos projetos de tese da turma mencionada acima, onde pudemos observar, que um dos projetos apresentados tinha várias características com o que apresentei para o meu ingresso no programa. Diante disto, minha orientadora sugeriu que mudássemos a temática de pesquisa, recomendando que trabalhássemos com o acompanhamento dos egressos da segunda turma da REAMEC através do paradigma emancipatório de Ana Maria Saul.

Após a sugestão da temática a ser trabalhada fiz uma reflexão da minha trajetória acadêmica, desde a graduação, passando pelos cursos de especialização e conseqüentemente no mestrado, onde percebi que em nenhuma destas fazes que vivenciei, não me ofereceram a chance, depois de egresso, de me expressar sobre como aconteceu a minha estada nestes processos de formação inicial e continuada, ou seja, nunca fui questionado, por parte das coordenações dos programas, em saber da opinião do egresso sobre alguns pontos, a saber: *quais os pontos fortes e fracos do processo; o que me fez procurar por tal programa; como o programa contribuiu para a minha formação profissional, dentre outras questões*. Através destas inquietações é que se justificou a pesquisar sobre o “acompanhamento de egressos no doutorado em educação em ciências e matemática da REAMEC - segunda turma (2013), dando continuidade ao projeto que se iniciou com o acompanhamento da primeira turma de doutores formados pelo programa realizada por Alves (2018).

Outra motivação em desenvolver a pesquisa está relacionado as avaliações interna e externa, onde a interna é de responsabilidade do próprio programa e a avaliação externa por parte da CAPES. A intenção da pesquisa está no sentido de trazer para o programa um feedback através das opiniões dos egressos da segunda turma da REAMEC, espera-se que através do retorno das respostas, que o programa possa se autoavaliar no sentido de re(avaliar) as suas ações.

5 A PRÁXIS PEDAGÓGICA

Quando do lançamento do edital do Concurso Público para docentes da Universidade do Estado do Amazonas, ao qual eu concorri no ano de 2011, estava disponibilizada vagas para o Curso de Pedagogia nas seguintes áreas: Estágio, Pesquisa e Prática Pedagógica e Estágio Supervisionado. Tais áreas me chamaram a atenção, desde o tempo de minha graduação, sendo que me inscrevi para concorrer às mesmas, obtendo êxito na aprovação para desenvolvê-las enquanto docente no Centro de Estudos Superiores de Parintins na região do Baixo Amazonas.

As atividades que procuro desenvolver nas disciplinas que ministro, são pautadas na indissociabilidade entre teoria e prática, permitindo assim aos discentes fazer uma ponte daquilo que está

sendo apreendido⁴ sob a luz dos teóricos, aliando a prática naquela realidade ao qual está inserido. Para Candau (2013, p. 16), “na caminhada nesta direção, a reflexão didática deve ser elaborada a partir da análise de experiências concretas, procurando-se trabalhar continuamente a relação teoria-prática”.

Hoje na minha prática pedagógica tento contextualizar o que vivi durante a minha infância quando saía para pescar e ao remar em busca de alimento e sem me dá conta ainda, que nesta atividade está impregnada com diversas possibilidades de ensinamentos que podem ser incorporados dentro do processo de ensino-aprendizagem, contextualizando aquilo que se vive na prática do dia a dia.

Na atividade da pesca, vários são os processos cognitivos que são utilizados para quem a pratica. Em relação à cognição, Lucélida (2018, p. 122) nos diz que “a cognição é o ato de construir conhecimento, de conhecer o mundo”. Lucélida busca o aporte teórico de Esterberg (2010) quando afirma que o processo cognitivo

[...] Implica a mobilização de processos cognitivos como a atenção, a percepção, a memória, a reflexão, a emoção, o raciocínio e a linguagem. Tais processos configuram-se formas de o sujeito captar as informações do meio, processá-las e registrá-las de algum modo em sua mente”.

O ato de pescar está inserido todas essas características referente a citação acima, pois na sua prática os sujeitos envolvidos comprovam uma aprendizagem que é característica do contexto em que ele está envolvido, assim sendo, ocorre um processo de transmissão de saberes existentes, pois de acordo com Lucélida (2018, p.122) nas atividades de “confeccionar, plantar e colher, esculpir, pescar, construir, preparar alimentos, construir moradias, dentre tantos outros”, os processos cognitivos são lançados mão pelos sujeitos envolvidos.

Pois no movimento da remada pode-se perceber o processo matemático existente como os ângulos, as medidas, as circunferências; na hora da venda das cambadas dos peixes, pode-se colocar em prática as operações matemáticas, os valores referentes a diferenças entre os tamanhos dos peixes; dentro da física podemos observar as diferentes temperaturas da água e como isso pode influenciar na demanda dos tipos de peixe existente em determinado lugar; na Geografia se obtém o sentido de direção e de localização, a influência das mudanças de

⁴ Apreendido no sentido de que se assimilou ou compreendeu

direção do vento; os termos utilizados pelos pescadores podem ser trabalhados nas classes e as origens das palavras, a semântica e seus significados, ou seja, existe uma gama de possibilidades que pode ser incorporada e contextualizada, no processo de ensino e aprendizagem no ambiente escola, fazendo com que aquilo que está sendo ensinado para os alunos possa fazer significado prático e que ele, o aluno, saiba entender os diversas situações que acontecem no seu cotidiano.

Para que o professor desenvolva as suas atividades no sentido de que venha a atingir os seus objetivos educacionais, é mister que tal professor faça algumas indagações antes de selecionar os conteúdos a serem trabalhados e as estratégias de ensino, visando a plena execução do processo de ensino aprendizagem desejado. Essas indagações de cunho, filosófico, sociológico, econômico, social, dentre outros aspectos que influenciam o processo pedagógico-didático do professor. Algumas dessas questões são: que tipo de homem/mulher a sociedade espera que seja formado?; para onde queremos levar nossos jovens com a formação que está sendo oferecida a ele? Essas e outras questões devem estar na tônica do planejamento dos professores, questões essas que se bem trabalhadas, podem levar a cabo uma formação plena aos educandos desenvolvendo neles uma consciência crítica diante da realidade a qual a sociedade lhes apresenta.

Além de todo o planejamento do professor, planejamento este que engloba todas as questões que envolve o processo de ensino e aprendizagem, na hora da sua prática, já com os conteúdos e as estratégias definidas, é necessário que o professor consiga fazer a transposição didática dos conteúdos que estão sendo trabalhados em sala de aula, é pertinente também que se contextualize os assuntos, demonstrando na prática aquilo que está relacionado ao assunto que está sendo ensinado, fazendo uma relação com o cotidiano dos educandos.

Quando da minha prática na sala de aula, procuro não perder de vista em demonstrar para os educandos que o saber científico precisa dialogar com os saberes trazidos por eles de fora para dentro da sala de aula. Tais saberes precisam ser valorizados, e valorizando-os, o professor coloca os educandos em uma situação na qual os discentes se sintam parte do processo de ensino e aprendizagem, efetivando-se assim um aprendizado de forma mais completa, ou seja, os educandos podem fazer uma distinção, ou melhor, possam perceber, que aquilo que faz parte do seu dia a dia, tem também os seus

fundamentos científicos. Tais atitudes permitem ao educando uma ação reflexiva sobre o seu papel enquanto futuro professor.

Corroboro com a ideia de Fonseca (2009, p. 7) quando se refere a postura reflexiva do professor. Ele diz que:

[...] Aprender a refletir, a raciocinar, a utilizar estratégia de resolução de problemas para adaptarmos as novas gerações para aprenderem mais, melhor e de forma diferente e flexível é uma tarefa fundamental da educação, provavelmente, a tarefa mais relevante da escola.

Sou consciente que as minhas atitudes enquanto docente podem influenciar na identidade profissional dos futuros professores que estou formando, pois essa identidade se constitui como uma interação entre a pessoa que ensina e a que aprende, bem como suas experiências individuais e profissionais. A identidade se constrói e se transmite, isto é, eu professor, na condição de ensinar, devo levar em conta o impacto que minhas atitudes podem ocasionar na vida profissional dos futuros professores que estão sendo formados. E isso está muito bem claro na minha cabeça, ou seja, procuro da melhor maneira possível, através de minhas atitudes, deixar um legado onde esse futuro professor possa olhar o seu aluno com empatia, isto é, se colocando em uma situação a qual desejaria está, se tivesse no lugar do aluno, executando assim, atividades que vá ao encontro da construção de uma sociedade mais justa e igualitária, de uma consciência crítica por parte dos discentes.

Uma das disciplinas que trabalho é o Estágio Supervisionado. É sabido que esta disciplina, em um dos seus objetivos, é inserir o discente do curso de licenciatura em seu futuro locus de trabalho. Nesta disciplina, além da carga horária prevista para as atividades teóricas, que considero de fundamental importância, procuro colocar meus alunos imersos nas salas de aulas das escolas o mais rápido possível como preconiza a legislação vigente: “§ 3º Deverá ser garantida, ao longo do processo, efetiva e concomitante relação entre teoria e prática, ambas fornecendo elementos básicos para o desenvolvimento dos conhecimentos e habilidades necessários à docência” (BRASIL 2015), sem perder de vista é claro, as devidas orientações que devem ser dadas antes da entrada deles nas escolas. Essas orientações incluem os direitos e deveres dos estagiários, qual o seu papel dentro da escola, a importância de colocar em prática a

questão ética profissional, dentre outros aspectos que são de extrema importância para que o estagiário possa desenvolver suas atividades dentro da escola.

O estágio é um espaço criado para oportunizar ao futuro professor conhecer a realidade educacional onde futuramente ele estará inserido. O estágio oportuniza ao aluno estagiário vivenciar na prática as atividades de um professor e de como é que ele consegue desenvolver suas atividades em meio a tantas atribuições, atribuições essas que são de cunho pessoal e profissional. Conseguem através do estágio, conhecer as nuances que um trabalho pedagógico do professor lhes é árduo, e de quão é importante seu papel na vida dos alunos que estão sob a sua responsabilidade.

Os períodos que acontecem os estágios, no caso do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UEA que são em número de três, permite ao estagiário construir uma troca de experiências, conhecimentos e aprendizados, possibilitando-lhes conhecer a estrutura organizacional e hierárquica da instituição, a cultura existente no âmbito escolar, a rotina da escola, os conhecimentos práticos de como se ensina e como se aprende possibilitando uma ampliação da visão sobre o processo educativo. As trocas de experiências com os professores da escola, contribuiu para o crescimento profissional do futuro professor, a partir das observações de como os professores se relacionam com as crianças, quais métodos que são lançado mão para que o processo de ensino aprendizagem se materialize.

Para que o professor desenvolva suas atividades é primordial que ele conheça aquilo que vai ensinar aos seus alunos, porém só isso não é suficiente para que o processo de ensino e aprendizagem se concretize. De acordo com Ghedin (2009, p. 6), “[...] o professor precisa saber para ser profissional”, isto é, o professor precisa conhecer aquilo que vai ser ensinado. Ghedin continua a afirmar:

[...] O professor precisa do saber e este saber é sinônimo de um conjunto de conteúdos que o professor precisa dominar para tornar-se o profissional da educação. Mais do que isso também é um profissional do ensino, quer dizer, o professor é aquele sujeito que detém um conjunto de saberes que lhe possibilita atuar profissionalmente na área do ensino.

A profissionalidade do professor está atrelada aquilo que ele sabe e colando o seu saber em prática, leva o educando a entender o sentido daquilo que está sendo ensinado. O que define que o professor é um profissional qualificado é o domínio dos conteúdos/saberes que ele desenvolve no decorrer da sua prática, ou seja, na sua atuação enquanto professor, esses conteúdos/saberes, permitem a eles ter convicção nas decisões a serem tomadas sobre o que irá ser trabalhado para que o aluno aprenda.

6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES NÃO CONCLUSIVAS

Falar de si é reavivar na memória momentos marcantes na vida pessoal e profissional de uma pessoa, comungo com a fala de Souza (2006, p. 95) de que a “[...] organização e construção da narrativa de si implicam colocar o sujeito em contato com suas experiências formadoras, as quais são perspectivadas a partir daquilo que cada um viveu e vive, das simbolizações e subjetivações construídas ao longo da vida”. Diante disso, revelo aqui como foi trilhado o meu caminho, tanto pessoal como profissional e de como a educação impactou na minha vida.

Quando do meu ingresso na docência sempre busquei me especializar, dentro daquilo que acredito que seja pertinente, para trilhar um caminho, onde eu como educador, através dos conhecimentos adquiridos, pudesse ajudar os meus alunos da melhor maneira possível, para que conseguisse deixar um legado a eles, legado este que possa servir de estímulos, que pudesse ajudá-los a procurar cada vez mais conhecimentos diferenciados, para que quando os mesmos, já desenvolvendo seu ofício como docentes, também possam fazer a diferença nas vidas dos seus alunos.

O processo de aprendizagem é inerente ao homem que, ele, o homem, é o único animal que para ser homem tem que ser educado, sendo que é através da ética e do trabalho que nos distingue de outros animais. Para se educar o homem é uma tarefa complexa porque diferentemente dos outros animais, o homem, através da sua inteligência, é capaz de questionar aquilo que está ao seu redor e refletir sobre, pois a reflexão é a capacidade de pensar o próprio pensamento. Daí a grande responsabilidade enfrentada pelos professores no seu dia a dia que é buscar formar indivíduos conscientes de suas realidades e torná-los parte do processo de

aprendizagem para a mudança nos aspectos profissional, social e pessoal.

Eu enquanto professor não me abstenho de deixar transparecer meus sentimentos em relação ao outro ser humano que está ao meu lado, demonstro sim toda a minha preocupação e cuidado que uma pessoa deve ter com outrem, e esse outrem são meus alunos que estão sempre presente na minha trajetória de vida profissional e pessoal.

Buscando a etimologia da palavra “professor” encontramos no Dicionário Michaelis (2001, p. 184) que diz: “homem que ensina uma ciência, uma arte ou uma língua; mestre. Que está em posição superior. Diz do que comanda; principal; extraordinário, grande”. Fazendo uma análise sobre tais definições, eu enquanto professor, fico com a definição de que o professor é “homem que ensina uma ciência, uma arte ou uma língua, ou seja, ele o professor reparte aquilo que sabe com as pessoas que ainda não tiverem acesso a tais conhecimentos e fazendo com que essas pessoas, os seus alunos, reflitam sobre a sua própria realidade, entendendo o porquê das coisas e porque elas acontecem.

A profissão de professor trouxe para a minha vida um crescimento pessoal e profissional significativo, pois tudo aquilo que tenho hoje, falo aqui das coisas materiais, como minha casa própria, meu transporte particular e de tudo aquilo que a educação me favoreceu, como por exemplo, de ajudar no sustento da minha família, pois como foi falado na introdução deste memorial, é de um número bastante numeroso e a educação me permitiu a ajudá-los. Em relação a vida profissional, a educação me trouxe uma gama de conhecimentos que foram adquiridos no transcorrer da minha vida tanto de discente como docente, fazendo com que eu pudesse refletir sobre meu fazer pedagógico, e essas reflexões, me permitem hoje, olhar o outro como sujeito e não como objeto.

O professor é um ser humano que como as outras pessoas, tem sentimentos, que chora, que sente, que se emociona, que tem seus desejos, suas angústias, e compartilha tudo isso com os demais, através das suas relações pessoais e profissionais. Sem esquecer das influências que recebemos, em todos os níveis da escolarização, no decorrer da vida como discentes, influências essas que persistem e muitas vezes faz com que agirmos de acordo como que fomos ensinados.

Minhas inquietações sobre as formas de ensinar e aprender na escola decorre de minha experiência que para Dutra (2020, p. 26) a experiência “[...] não está apenas ligada ao tempo e às vivências do sujeito no decorrer da história, mas como o vivido altera o sujeito, ou seja, a experiência é a mudança provocada no sujeito”, isto é, da forma como fui me construindo como pessoa e como profissional a partir das vivências em grupo e da necessidade de buscar e construir conhecimentos que fortalecessem minha prática docente e me tornasse não apenas alguém que reproduz o conhecimento cristalizado nos livros, mas que pudesse ler realidades diferentes, reconhecer saberes, interpretá-los e ressignificá-los em processos de formação de professores.

Trago aqui meu desejo de enquanto professor em poder ajudar a sociedade a qual estou inserido, tentando fazer, na medida do possível, um trabalho onde possa deixar um legado para as futuras gerações, legado este, arraigado de sentimentos, de angústias, de emoção, de calor humano, sempre no sentido de ajudar a quem está próximo e esse próximo são meus alunos, a causa maior da minha realização profissional e pessoal.

Minha expectativa em relação ao futuro é a de que eu como professor possa desenvolver em meus alunos a capacidade de eles se transformarem em professores que tenham a capacidade de refletir sobre o que está acontecendo ao seu redor e que tenham como características: organizar o seu tempo; que possam trabalhar em grupos multidisciplinares; de dominar as tecnologias do conhecimento e cruzando as fronteiras disciplinares; que possam se aprofundar nos métodos e técnica próprias no processo de investigação; ser profissional; criador; autônomo e que possam compreender o processo de forma holística, desmistificando os paradigmas educacionais.

Construir e (re)construir significados de uma dada realidade consecutivamente é um ato inerente a educação. Seja de cunho social ou pessoal, o processo de transformação se dá através do ato educativo. Destarte a isso é de primordial importância que haja um engajamento por parte de todos que fazem parte deste processo e para que exista uma base sólida dentre as nuances em que o educando estará imerso, proporcionando que ele tenha uma visão crítica de onde está inserido, formando assim a sua consciência crítica, para que ele possa fazer diferença na sociedade, assumindo-se como sujeito crítico da realidade a que o cerca, despertando nele, o aluno, o ser politizado

que é, aquele ser que não aceita tudo pronto e acabado, que tenha a capacidade de questionar aquilo que está posto.

Um das minhas características enquanto docente, é a de sempre estar buscando novos conhecimentos, conhecimentos esses que se adquire em palestras, cursos de curta e longa duração, como no *stricto* e *lato sensu*. No atual contexto, chamado de a “era do conhecimento”, onde o acesso à informação acontece em segundos, diferentemente de alguns anos atrás, é mister que o educador esteja buscando sempre se atualizar de acordo com aquilo que está relacionado a seu ofício, pois o processo formativo do educador segundo Pacheco (1999, p. 45) “é um processo dinâmico e evolutivo que compreende um conjunto variado de aprendizagens e de experiências ao longo das diferentes etapas formativas”, e este processo se dá através de transformações e (re)construções do professor, fazendo com que este profissional, esteja constantemente a procura da aquisição de novos conhecimento, fazendo cumprir uma exigência da atual conjuntura da era do conhecimento.

Portanto, considera-se que o professor, em sua trajetória pessoal e profissional, não só constrói como também reconstrói inúmeros conhecimentos adquiridos conforme a real necessidade de sua melhor utilização, pois a era em que vivemos, os conhecimentos mudam em uma velocidade voraz, obrigando o professor a sempre está se atualizando e construindo experiências no seu decurso formativo e profissional. É pertinente a afirmação de que os educadores, seja em suas metodologias empregadas ou no conteúdo que será ministrado para seus alunos é fortemente influenciado pelas transformações que permeiam a sociedade.

Trago aqui as nuances do processo formativo de um “moleque” que com muito suor e “sem desmerecer a ninguém”, se atreveu a conquistar, através da educação, um lugar onde eu pudesse, mesmo enfrentando os percalços da vida, ajudar a formar pessoas conscientes de suas realidades e torná-las participantes da mudança do cenário educacional brasileiro, contribuindo para a edificação de uma educação de qualidade, podendo assim, desenvolver-se nos aspectos profissional, pessoal e social.

REFERÊNCIAS

- ALRO, H; SKOVSMOSE, O. **Diálogo e Aprendizagem em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- ALVES, A. C. T. **O programa de pós-graduação da rede amazônica de educação em ciências e matemática estudo da trajetória profissional de egressos**. Tese (Doutorado em Educação em Educação em Ciências e Matemática) 2018. Cuiabá-MT. Disponível em: <<https://www1.ufmt.br/ufmt/un/publicacao/ppgecem?busca=Ana+Claudia+Tasinaffo+Alves&filtro=autor&categoria>> Acesso em: mai 2020.
- BORGES, H; GHEDIN, E. (orgs.). **Fundamentos para pensar o currículo: Formação Continuada em Pressupostos Curriculares**. Manaus: Editora Travessia, 2010.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CONSELHO PLENO. RESOLUÇÃO Nº 2, DE 1º DE JULHO DE 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. 2015.
- CANAU, V. M. (Org). **Rumo uma Nova Didática**. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- CARRANO, P. **Identidades Culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades**. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANAU, Vera Maria. Multiculturalismo: Diferenças culturais e Práticas Pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p.182-211.
- CASSÃO, P.A.; CHALUH, L.N. Da solidão do trabalho docente à necessidade do trabalho coletivo na escola: relatos de professores iniciantes. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v.23, n.2, p.191-207, 2018. <http://dx.doi.org/10.24220/2318-0870v23n2a3863>.
- COSTA, L. F. M. **Vivências autoformativas no ensino de matemática: vida e formação em escola ribeirinha**. Tese. Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.
- COSTA, L F. M. LUCENA. I. C. R. Etnomatemática: cultura e cognição matemática. **Rematec**. Ano 13 - n. 29 - set./dez. 2018 - ISSN 1980-3141. Disponível em: <<http://rematec.net.br/rematec/article/download>> Acesso em: jun 2021.
- D'AMBRÓSIO, U. **Do Saber Matemático ao Fazer Pedagógico: o desafio da educação**. Educação Matemática em Foco. Campina Grande: EDUEPB. V. 1 - Nº 1 | jan/jun 2012. p. 5363.
- DUTRA, L. B. **A formação dos bons professores universitários para licenciatura de Ciências Biológicas: marcas que possibilitam essa construção**. Tese (Doutorado em Educação em Educação em Ciências e Matemática) 2020. Cuiabá-MT.
- FONSECA, V. da. **Cognição, neuropsicologia e aprendizagem: abordagem neuropsicológica e psicopedagógica**. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- GHEDIN, E. **Tendências e dimensões da formação do professor na contemporaneidade**. 4º CONFEP – Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar. Universidade Estadual de Londrina. 2009.
- GONSALVES, E. P. Educação Biocêntrica: o presente de Rolando Toro para o pensamento pedagógico. 2º ed. Editora Universitária-UFPB, 2009.
- IBIAPINA, I.M.L.M. **Práticas pedagógicas e colaboração: como agir no processo ensino-aprendizagem?** In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino:

Virgílio Bandeira do Nascimento Filho– **Moleque Atrevido: Da Pescaria ao Processo Doutoral - História de Vida de um Professor Aprendiz**

- convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- NASCIMENTO FILHO, V. B. do. O papel do professor na formação docente indígena: uma reflexão a partir das impressões dos professores formadores que atuaram no curso de licenciatura para professores indígenas do alto Solimões. Dissertação (Mestrado em Teologia). São Leopoldo. 2014.
- PACHECO, J. A. **Formação inicial In:** Formação de professores. Porto. Porto Editora: 1999. P. 45-51.
- PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores:** unidade entre teoria e prática. Cad. Pesq., São Paulo, n. 94, p.58-73, ago. 1995. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277245398_O_estagio_na_formacao_de_profesores_unidade_entre_teorica_e_pratica/link/5cf6ce9b299b1fb18597313/download. Acesso em: 06 jul 2021.
- OLIVEIRA, A. B. **Andragogia:** Facilitando a Aprendizagem – Educação do Trabalhador. v. 3. CNI – SESI, 1999.
- RODRIGUES, N. **Lições do Príncipe e outras lições.** São Paulo, Cortez/Autores Associados (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo). 1984.
- SOUZA, E. C. de. **O conhecimento de si:** estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.
- TARDIF, M. **Saberes docente e formação profissional.** 17 ed. Oetropólis, RJ: Vozes, 2014.

SOBRE O AUTOR:



VIRGÍLIO BANDEIRA DO NASCIMENTO FILHO

Doutorando em *Educação em Ciências e Matemática pela Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática* | REAMEC. Mestrado em Teologia (Faculdade EST)), Pós-Graduação *lato sensu* em Didática do Ensino Superior pela Faculdade (THÁHIRI/ISEAMA/AM); Gestão Estratégica e Qualidade (UCAM/RJ). Graduado em Pedagogia (UFPA). Professor da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) Desenvolve pesquisa sobre Formação de Professores e Didática. Faz parte do grupo de Pesquisa Laboratório de Ensino de Ciências - EDUCIENCIA, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).